

Relatório de investigação

# Teologia da comunidade abundante:

A trabalhar para atingir a sustentabilidade  
ambiental e económica (SAE)

Versão abreviada | Agosto de 2022



tearfund

# Agradecimentos

Autor: Dr. Justin Thacker

Responsáveis pela investigação: Clark Buys e Maria Andrade

Responsável editorial: Matt Little

Responsável criativo: Charlene Hayden

Tradução: Isabel Carvalho

Revisão: Maria dos Anjos Hooper

Design: [www.wingfinger.co.uk](http://www.wingfinger.co.uk)

Este relatório representa o ponto culminante de um longo processo de consultas encomendadas pela Tearfund em África, na Ásia, na América Latina e no chamado “Norte Global” sobre a teologia da sustentabilidade ambiental e económica. Como tal, beneficia das ideias e do contributo de inúmeros teólogos, pensadores, escritores e profissionais de muitos países de todo o mundo.

Os nossos agradecimentos vão para os muitos funcionários da Tearfund (antigos e actuais), parceiros, aliados da igreja, consultores e participantes nas consultas, que contribuíram para este processo de investigação. As suas reflexões ponderadas ajudaram-nos a formular ideias chave, perspectivas e acções sugeridas.

Estamos especialmente gratos àqueles que facilitaram as consultas e produziram os relatórios regionais: Pilar Euribe, Valerie Anderson, Graham McGeoch, Samuel Saxena, a equipa em Theos (incluindo Madeleine Pennington, Natan Mladin e Simon Perfect) e Justin Thacker.

Estamos também gratos a outros que desempenharam papéis significativos neste longo processo de investigação, incluindo Jo Herbert-James, Hannah Swithinbank e Ruth Valerio.

**Imagem da capa: Residentes na comunidade de Palung, Nepal, que beneficiaram da represa que construíram.** Fotografia: Matthew Joseph/Tearfund

© Tearfund 2022

Qualquer parte deste relatório pode ser copiada, reproduzida ou adaptada por indivíduos como parte do seu próprio trabalho ou para fins de formação, desde que as partes reproduzidas não sejam distribuídas com fins lucrativos e que seja creditada a Tearfund. Ao citar esta versão do relatório, é favor usar o título “*Teologia da comunidade abundante: A trabalhar para atingir a sustentabilidade ambiental e económica (SAE) – Versão abreviada*”. Todas as fotografias devem ser creditadas à Tearfund. Para outras utilizações do material, incluindo a reprodução de imagens noutros contextos, tem de ser obtida a autorização da Tearfund.

Agradecemos o seu feedback sobre as nossas publicações e gostaríamos de saber como utilizou este recurso. Contacte-nos por qualquer dos meios a seguir indicados.

Publicado pela Tearfund. Uma companhia limitada por garantia. Instituição beneficente nº 265464 na Inglaterra e no País de Gales e nº SC037624 na Escócia.

A Tearfund é uma entidade cristã sem fins lucrativos determinada a ver a eliminação da pobreza extrema e da injustiça. Mobilizamos comunidades e igrejas em todo o mundo a fim de ajudar a garantir que todas as pessoas tenham a oportunidade de alcançar o potencial que lhes foi dado por Deus.

Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido

+44 (0)20 3906 3906

[publications@tearfund.org](mailto:publications@tearfund.org)

[learn.tearfund.org](http://learn.tearfund.org)

**tearfund**

# Índice

<b>1. Introdução</b>	<b>3</b>		
1.1 Comunidades abundantes	3		
<b>2. Teologia ambiental</b>	<b>4</b>		
2.1 Teologia do domínio	4		
2.1.1 Teologia do serviço	4		
2.2 Egocêntrico, ecocêntrico ou teocêntrico	5		
2.2.1 Egocêntrico	5		
2.2.2 Ecocêntrico	5		
2.2.3 Teocêntrico	5		
2.2.4 Mordomia	6		
2.2.5 Espiritualidades indígenas da criação	6		
<b>3. Teologia económica</b>	<b>8</b>		
3.1 Capitalismo e cristianismo	8		
3.1.1 Medir o crescimento	8		
3.1.2 O bom e o mau do capitalismo	9		
3.1.3 A teologia da generosidade	9		
3.1.4 Pobreza e desigualdade	10		
3.1.5 Trabalho	10		
3.1.6 Ecologia integral	11		
3.1.7 Caridade ou justiça	11		
<b>4. Comunidade abundante</b>	<b>12</b>		
4.1 Quem sou eu?	12		
4.1.1 Pânico na comunidade	12		
4.1.2 O suficiente chega	12		
4.2 Uma antropologia relacional	12		
4.2.1 Ubuntu e viver bem	12		
4.2.2 “Somos um”	14		
4.2.3 O Espírito de uma casa compartilhada	14		
4.3 A teologia da escassez e a teologia da abundância	15		
4.3.1 As raízes da escassez	15		
4.3.2 Escassez e caridade	15		
4.3.3 A abundância bíblica	15		
4.3.4 Ganância humana	16		
4.3.5 Dar aquilo que é devido	17		
4.3.6 Partilha global	18		
4.4 Uma comunidade abundante – algumas implicações práticas	18		
4.4.1 Para os indivíduos:	18		
4.4.2 Para as igrejas:	19		
4.4.3 Para o sector comercial:	20		
4.4.4 Para os governos:	20		
4.4.5 Para a Tearfund:	20		
<b>5. Conclusão</b>	<b>21</b>		
<b>6. Bibliografia</b>	<b>22</b>		
6.1 Documentos da Tearfund	22		
6.2 Obras gerais citadas	22		
6.3 Websites:	23		



# 1. Introdução



Os membros da comunidade de Nhanzeco, em Moçambique, trabalham nos seus campos. Receberam formação em transformação de igrejas e comunidades, grupos de autoajuda, agricultura de conservação, nutrição, saneamento e defesa dos direitos da terra e conservação ambiental. Fotografia: Kylie Scott/Tearfund

## 1.1 Comunidades abundantes

Como espera Deus que os seres humanos vivam em relação com o resto da criação? Esta é a pergunta que está no centro deste relatório. A resposta que sugerimos encontra-se no conceito de comunidades abundantes. Nessas comunidades, uma identidade relacional substitui a mentalidade individualista, egoísta e gananciosa que está a empobrecer muitos povos e comunidades e a destruir o nosso planeta. A ideia que propomos é que, para respondermos verdadeiramente aos desafios globais que enfrentamos, precisamos deste tipo de entendimento renovado não só da nossa humanidade, mas de todo o universo.

Chegámos a esta conclusão porque ouvimos, acima de tudo, as vozes e a sabedoria de teólogos e activistas de todo o Sul Global<sup>1</sup>, muitos dos quais estão a fazer tudo o que podem para salvar a Terra que amam. É também importante dar ênfase especial às suas preocupações, em parte porque tais vozes têm sido frequentemente marginalizadas, se não mesmo demonizadas, na discussão destes assuntos, mas

também porque o tema que estamos a abordar constitui uma preocupação imediata e de ordem prática para aqueles que vivem no Sul Global, que não atinge da mesma forma os que vivem nas zonas mais ricas do mundo.<sup>2</sup>

O que ouvimos quando escutámos foi que, na origem de muitas das crises ambientais e económicas que enfrentamos estava uma compreensão incorrecta daquilo que significa ser humano e do que a nossa relação com o resto da criação deveria ser. Em lugar dela, necessitamos de uma nova antropologia, uma nova compreensão da nossa natureza humana e uma nova visão da vida que nos rodeia. É essa nova abordagem que descrevemos no conceito de “comunidades abundantes”.

Este relatório<sup>3</sup> não é, portanto, uma tentativa de captar tudo o que poderia ou deveria ser dito sobre uma teologia de sustentabilidade ambiental e económica (SAE). Em vez disso, centrámo-nos nas questões e temas levantados especialmente pelas nossas organizações parceiras no Sul Global. Começamos, no entanto, por resumir como poderíamos compreender as teologias ambientais e económicas.<sup>4</sup>

- 1 Consultar Thacker, 2022, *Abundant Community Theology: Working towards environmental and economic sustainability (EES)* para uma versão mais longa, detalhada e mais académica deste relatório.
- 2 Não existe um termo perfeito para definir as regiões do mundo em que a pobreza e a destruição ambiental são mais evidentes. “Sul Global” e “Norte Global” são as expressões usadas ao longo deste relatório, mas reconhecemos que não é possível definir exactamente tais expressões e elas não pretendem de modo algum transmitir uma definição geográfica simplista. A Austrália, por exemplo, não faz parte do Sul Global.
- 3 O relatório completo foi preparado para a Tearfund pelo Dr. Justin Thacker. Consultar Thacker, 2022, *Abundant Community Theology: Working towards environmental and economic sustainability (EES)*, Teddington, Tearfund.
- 4 É importante reconhecer que, se bem que a teologia possa indicar-nos o caminho que devemos seguir, não pode dar respostas específicas para todas as questões políticas com que podemos deparar-nos. Por exemplo, a teologia pode indicar que os governos de países ricos devem dar apoio aos países de rendimento mais baixo, mas não pode dizer se esse apoio deverá ser de 0,5%, 0,7% ou 1% do PIB. Isto deve ser tido em conta na leitura do presente relatório. Ele lança as bases teológicas para uma resposta à sustentabilidade ambiental e económica, mas não indica necessariamente todas as respostas políticas específicas necessárias.

## 2. Teologia ambiental

Os principais desafios com que muitos se deparam no Sul Global são a luta diária para se alimentarem a si próprios e às suas famílias, encontrar trabalho, poder pagar a educação e os cuidados de saúde e viver as suas vidas em paz e segurança. É imperativo respondermos a estas preocupações de ordem prática. Dado, no entanto, que todos estes desafios são fortemente afectados pelo modo como tratamos o ambiente, começaremos por reflectir sobre o impacto que o nosso comportamento ecológico tem tido nas vidas e nos meios de subsistência de muitas pessoas.

### 2.1 Teologia do domínio

As relações humanas com a criação não humana estão profundamente deterioradas. Como parte da industrialização e crescimento económico, possuímos, controlámos e explorámos o mundo de que fazemos parte, destruindo-o (e a nós próprios) pouco a pouco. O resumo que se segue, da região de Chaco Salteño, no norte da Argentina, dá apenas um exemplo da ligação estreita que existe entre a violência ecológica, social, económica e política.

*“Desde o início da década de noventa, no século passado, foi aplicado em vastas secções das zonas rurais da América Latina e, em especial, da Argentina, um modelo agrícola para a produção de soja em grande escala que depende de capital transnacional... Este processo gera consequências negativas nos aspectos ecológico, social, económico e político. No que toca à ecologia, foram alterados os ecossistemas, o que deu azo a novas pragas e doenças. Na área social, aumentaram os lucros dos grupos empresariais enquanto os agricultores perderam terra e trabalho (mais pobreza e exclusão). No campo da economia, formaram-se ‘economias de enclave’ baseadas em empresas gigantes e no capital orientado para mercados estrangeiros, que não ajudam ao desenvolvimento rural local.”<sup>5</sup>*

A teologia do domínio ofereceu frequentemente justificação para este tipo de relação exploradora. O historiador norte-americano Lynn White é conhecido por ter defendido esta tese nos anos sessenta, em que, essencialmente, culpava o cristianismo de estar “na origem da nossa crise ecológica”. Ele tinha defendido que a nossa teologia justificava uma abordagem hierárquica ao ambiente natural em que

**“Ao representar Deus para o mundo, ao agir como embaixadores de Deus no mundo, o nosso papel nunca é o de dominar, mas sim o de servir com justiça, rectidão e, acima de tudo, amor.”**

os seres humanos estavam à parte e acima do resto da criação e que podíamos usar a criação como muito bem entendêssemos.<sup>6</sup> Esta abordagem veio a ser conhecida como antropocentrismo: colocar os seres humanos (e, frequentemente, os homens) no centro do nosso pensamento. As origens bíblicas desta teologia do “domínio” encontram-se na forma como Génesis 1 e o Salmo 8 têm sido traduzidos e interpretados, especialmente na utilização dos termos “domínio” e “dominar” (Génesis 1:26; Génesis 1:28; Salmo 8:6-8).<sup>7</sup>

#### 2.1.1 Teologia do serviço

Contudo, um princípio fundamental da interpretação da Bíblia é que não devemos pegar simplesmente num único versículo fora do respectivo contexto para o aplicar de modo universal. Devemos, sim, olhar para toda a Bíblia e interpretar as Escrituras uma a uma, do ponto de vista do nosso contexto social específico e sob a influência do Espírito Santo. Se fizermos isto, não só Génesis 2:15 nos ajuda a compreender que o “domínio” de Génesis 1 é realmente a responsabilidade de cuidar, conservar e proteger, e não uma tarefa de exploração, como, para além disto, a descrição que a Bíblia faz repetidamente do que é o “Rei” ou “portador de imagem” ideal se torna clara. Ao representar Deus para o mundo, ao agir como embaixadores de Deus no mundo, o nosso papel nunca é o de dominar, mas sim o de servir com justiça, rectidão e, acima de tudo, amor (Salmo 72:1-6; Salmo 145). Somos os representantes de Deus na Terra e o nosso papel é o de facilitar o florescimento de todos os seres humanos, possibilitando o florescimento de toda a criação. É assim, e apenas assim, que “dominamos”. No seu livro *“Saying Yes to Life”*, a Dr.ª Ruth Valerio<sup>8</sup> diz (em tradução livre): “Deus espera dos seus governantes que sejam diferentes, que sejam governantes servidores que exerçam o seu domínio com amor e compaixão, trabalhando em prol da justiça e contra a opressão (Provérbios 31:4-9).”<sup>9</sup>

5 Euribe, p. 87, 2020

6 White, p. 1203-1207, 1967

7 Para mais informação sobre como estes versículos têm sido mal interpretados, ver Thacker, secção 2.1.1, 2022.

8 Ruth Valerio, directora de Advocacy e Influência em nível Global da Tearfund

9 Valerio, p. 157, 2020



## 2.2 Egocêntrico, ecocêntrico ou teocêntrico

Há três principais enquadramentos que têm sido usados para descrever a relação da humanidade com o meio ambiente.

### 2.2.1 Egocêntrico

Resume-se nesta imagem em que é mostrado um homem acima das mulheres e do resto da criação.<sup>10</sup> Por todo o Sul Global, teólogos e teólogas ecofeministas têm vindo a recordar-nos a todos como a exploração e a dominação das mulheres tem acompanhado em paralelo a exploração e a dominação do planeta. A teóloga nicaraguense Blanca Cortés, por exemplo, escreve: “Depois de sermos fontes de vida – tanto as mulheres como a Terra – passámos a ser consideradas como recursos a serem usados e abusados como a estrutura de poder entenda.”<sup>11</sup> Como tal, esta visão egocêntrica (ou antropocêntrica) é uma visão que tem de ser imediatamente rejeitada como inteiramente contrária à Bíblia.

### 2.2.2 Ecocêntrico

Todavia, ao mesmo tempo, é também possível criticar uma segunda abordagem que continua a ser muito popular entre alguns ambientalistas cristãos. Na sua melhor forma, este enquadramento ecocêntrico (ou biocêntrico) lembra-nos simplesmente que, como seres humanos, não estamos inteiramente separados da criação mas somos, de facto, parte do mundo natural. Se tudo o que se pretende defender se resume a isto, esta abordagem pode certamente ser aceite. Acontece, porém, que às vezes esta visão nega completamente qualquer distinção entre os seres humanos e o resto da criação e sugere que tudo o que precisamos de

fazer para resolver a crise ambiental é voltar à convicção de que somos simplesmente animais. O problema com um tal modelo é que se arrisca a ignorar inteiramente Deus e, ao fazê-lo, pode deturpar o papel que Deus nos confiou na criação.

### 2.2.3 Teocêntrico

Em contraste, o terceiro modelo – e o que mais se coaduna com o nosso entendimento do discipulado cristão – é o chamado enquadramento teocêntrico, em que somos chamados a compreender-nos a nós próprios, a compreender o resto da criação e a nossa relação com ela, do ponto de vista da nossa relação com Deus. O que distingue especialmente o modelo teocêntrico é que não sugere que possamos resolver a crise ambiental prestando simplesmente atenção à forma como nos relacionamos com o resto da criação – acentua que a nossa relação com Deus necessita de orientar a forma como cuidamos do ambiente. É isto que esta imagem pretende mostrar. Os seres humanos são representados como iguais um ao outro e na base de um coração de amor (que simboliza Deus) porque se pretende que o seu relacionamento com o resto da criação seja uma relação de amor, cuidado e serviço, motivada pelo amor de Deus.<sup>12</sup>

Tendo isto em mente, podemos reconhecer que o nosso cuidado com a criação pode bem ser motivado por várias preocupações teológicas. Na caixa da página seguinte, apresentamos uma lista de muitas das razões que poderíamos dar para amar o mundo que Deus criou. O que sugerimos é que todas elas, de diferentes modos, podem fazer parte de uma teologia da criação completa, mas a ênfase deve ser colocada na primeira categoria (amor, culto, reverência e obediência para com Deus) porque é ela que forma a base de todas as outras. É isto que significa uma teologia teocêntrica da criação.

10 Dave Bookless / A Rocha International, [www.arocha.org](http://www.arocha.org) – a fonte original da imagem é desconhecida. <https://blog.arocha.org/en/noah-beyond-the-blockbuster/>

11 Cortés citado em Thacker, secção 2.1.1, 2022. Esta secção fala também em mais pormenor da intersecção de género e justiça climática.

12 Para mais informação sobre o enquadramento teocêntrico, ver Thacker, 2022, *Environmental*, secção 2.1.3.

## Devemos cuidar da criação...

### 1. Por amor, culto, reverência e obediência para com Deus

- Porque toda a criação é a criação de Deus;
- Porque Deus nos ordenou que cuidássemos dela;
- Porque Jesus se preocupa com a criação;
- Porque cuidar da criação reflecte o carácter de Deus. Deus ama a sua criação;
- Porque Deus nos ordenou que amássemos o nosso próximo e olhar pela criação ajuda a proteger as vidas e os meios de subsistência de outros seres humanos;
- Porque a criação é a dádiva que Deus nos deu e por isso cuidamos dela em agradecimento/ louvor do que Deus nos ofertou;
- Porque cuidar da criação faz parte da missão de Deus e tem, na verdade, benefícios evangelísticos.

### 2. Pelo nosso interesse próprio

- Porque a poluição e as alterações climáticas são prejudiciais para a nossa própria saúde humana e para os nossos meios de subsistência. Neste sentido, um empenhamento ecológico pode ser um veículo para o desenvolvimento económico sustentável;
- Porque a ganância e o consumismo (uma teologia da dominação/exploração) são prejudiciais para a nossa própria saúde espiritual e são uma forma de idolatria;

- Porque o resto da criação nos pede contas por aquilo que nós, como seres humanos, fizemos.

### 3. Por respeito/cuidado/amor intrínsecos pelo resto da criação

- Porque toda a criação é espiritual/sagrada e reflecte a marca de Deus;
- Porque pensamos que a criação é linda e queremos conservá-la pela sua beleza e majestade;
- Porque a criação tem um valor inerente que deve ser apreciado por si mesmo. Amamos as árvores, os campos e as baleias simplesmente por aquilo que são.

### 4. Por uma compreensão diferente da nossa identidade relativamente ao resto da criação

- Porque, como portadores da imagem de Deus, temos uma responsabilidade especial e o privilégio de cuidar da criação;
- Porque fazemos parte da criação, formamos uma unidade com ela, somos um todo como comunidade da criação;
- Porque a criação louva a Deus e nós juntamos a esse coro cósmico quando cuidamos do resto da criação;
- Porque a criação em si é o nosso próximo (por vezes alargado à ideia de que é a nossa mãe/irmã) e, por isso, amar o próximo inclui amar a criação não humana.

### 2.2.4 Mordomia<sup>13</sup>

Um termo específico que é frequentemente usado para sintetizar esta abordagem teocêntrica é “mordomia”. No Sul Global, esta parece ser a palavra mais frequentemente usada para descrever a nossa relação com a criação não humana. Para muitos autores do Sul Global, o termo tem conotações de serviço e, por isso, dizer que somos “mordomos” da criação é dizer que servimos e cuidamos da criação da mesma forma que um mordomo (funcionário servidor) de um agregado familiar olha pelos interesses dos proprietários da casa. Assim, o conceito indica também que não somos os proprietários da criação, mas estamos ao serviço de outrem (Deus) e a nossa missão é a de cuidar, servir e proteger. Em contraste com isto, alguns autores do Norte Global receiam que o termo “mordomia” implique uma hierarquia de gestão que tende para o modelo antropocêntrico já criticado. Por esta razão, propomos que o termo seja usado onde o contexto linguístico e cultural

entenda mordomia acima de tudo como serviço e cuidado e não tanto como gestão.<sup>14</sup>

### 2.2.5 Espiritualidades indígenas da criação

Em paralelo a isto, necessitamos também de reconhecer o apelo feito por alguns, de que deveríamos dar muito mais atenção às espiritualidades de comunidades indígenas que têm acentuado o carácter sagrado da criação. É sem dúvida o caso que todos nós temos muito que aprender com tais espiritualidades, na medida em que elas incorporam uma resposta mais atenciosa e mais centrada na Terra ao resto da criação. Por exemplo,

*“O povo Gunadule tem galu (locais sagrados). Quando as pessoas entram nesses espaços, devem fazê-lo em silêncio e orar a BabaNana (Deus).<sup>15</sup> Ao cortar uma planta, num gesto de respeito, os nergan (médicos tradicionais Gunadule) pedem autorização e rogam a Deus que a*

13 Isto não pretende dizer que a criação não humana tem precisamente o mesmo estatuto que a humanidade. Usamos antes o conceito de “próximo” de um modo antropomórfico, muito como o faz Isaías 55:12. Assim, o que queremos dizer é simplesmente que amamos o resto da criação da mesma forma que amamos o nosso próximo humano, o que não significa que não haja distinção entre os dois.

14 Thacker, secção 2.1.4, 2022

15 As palavras aqui referem-se a Deus como masculino e feminino.

*planta possa ser usada para dar saúde a alguém. Ter locais sagrados favorece a reprodução e a colheita sustentável de espécies sujeitas à caça. Em Gangandi, algumas árvores Suu (uma espécie de figueira) que crescem nas margens do rio são consideradas sagradas e não podem ser cortadas. As suas folhas e frutos são alimento para as iguanas, que fazem parte da dieta Gunadule. Em Gangandi, as pessoas não podem comer carne de animais selvagens, que é outra forma de evitar a sobreexploração.”<sup>16</sup>*

Ao notar isto, é importante distinguir entre o carácter sagrado da criação, que nós afirmamos, e a divinização da criação (ou seja, igualar a criação a Deus), que negamos. É perfeitamente apropriado dizer que toda a criação é sagrada e, na verdade, espiritual, se com isso queremos dizer que a natureza reflecte o trabalho de Deus, que louva a Deus no seu ser e que é criada pelo Espírito de Deus. Devemos certamente considerar-nos parte da comunidade da criação que, colectivamente, glorifica a Deus e, neste sentido, não há distinção entre nós e o resto da criação. Contudo, necessitamos de afirmar ao mesmo tempo que apenas os seres humanos foram criados à imagem de Deus e isso confere-nos um papel diferente. Não serviremos os interesses do mundo se ignorarmos o conjunto de responsabilidades específicas que Deus nos confiou como guardiões da criação. Para além disto, temos de reconhecer uma crítica das espiritualidades indígenas que foi destacada por alguns teólogos da Ásia, que chamaram a atenção para o facto de que o culto da criação não conduziu à

protecção ambiental que poderíamos esperar. Vishal e Ruth Mangalwadi escreveram (em tradução livre):

*“Existe no Ocidente uma noção ingénua e errada de que a nossa crise ambiental é resultado do desejo humano de dominar a criação. A verdade é, pelo contrário, que não podemos gerir o ambiente a não ser que nos vejamos a nós próprios como simultaneamente parte integrante da criação e, portanto, dependentes dela, mas também acima da criação e, portanto, responsáveis por ela. A crise ambiental na Índia, que é muito mais grave que no Ocidente industrializado, é uma indicação clara de que o culto da natureza é mais prejudicial para a criação do que as nossas tentativas de a gerir.”<sup>17</sup>*

Dada a realidade das alterações climáticas, poderá ser um exagero dizer que o culto da criação é mais prejudicial do que a dominação antropocêntrica. Não obstante, o que estes autores deixam claro é que o culto da natureza nem sempre é a panaceia que poderíamos desejar. A ideia com que ficamos é que, apesar de algumas espiritualidades indígenas reflectirem o mandato bíblico de conservar a criação e cuidar dela e, como tal, serem bons exemplos de como viver com a criação, elas não são necessariamente a resposta final para o que significa viver como representantes de Deus na Terra. A nossa principal preocupação tem de ser sempre que a nossa relação com Deus e o mandato bíblico governem a nossa relação com a Terra, porque **o devido cuidado da criação não resulta do culto da criação, mas sim apenas do culto do criador.**



❏ **Membros de um projecto de empreendedorismo de mulheres em Cajamarca, Peru, mostram os seus trabalhos de tecelagem tradicional que vão vender no mercado. O projecto visa melhorar os meios de subsistência das mulheres nesta comunidade indígena.** Fotografia: María Andrade/Tearfund

16 Euribe, p. 136, 2020

17 Mangalwadi, p. 107-108, 1993

# 3. Teologia económica

## 3.1 Capitalismo e cristianismo

Olhando agora para a esfera económica, poderá ser útil pensar em quatro grandes categorias para como podemos ver a relação do capitalismo (como sistema económico dominante) com o cristianismo no contexto da pobreza. São elas:

1. Aqueles que defendem o capitalismo de mercado livre como o melhor mecanismo para aliviar a pobreza;
2. Aqueles que apelam pela aplicação da ética cristã às práticas de mercado;
3. Aqueles que procuram reformar significativamente o capitalismo;
4. Aqueles que vêem o capitalismo como incompatível com o cristianismo.<sup>18</sup>

Não temos necessariamente de escolher entre estas opções e as três primeiras foram objecto de reflexão em diversas instâncias do relatório da Tearfund de 2015, *“Uma economia restauradora”*. Na generalidade, esse relatório adoptou uma posição relativamente pró-mercado na sua descrição de como a pobreza global deveria ser abordada. Afirmava que “os países que tiveram melhores resultados nas últimas duas décadas são os que criaram o ambiente propício adequado para promover o crescimento do sector privado”<sup>19</sup> e, portanto, “o primeiro passo para satisfazer as necessidades básicas de todas as pessoas consiste em que os governos trabalhem com os mercados para criar um contexto em que os negócios possam florescer”.<sup>20</sup> Esta abordagem contrasta claramente com comentários da América Latina integrados no presente relatório, que falavam da “destruição do sistema patriarcal capitalista neoliberal que, através da sua lógica de mercado e do açambarcamento-exploração dos bens produzidos por ecossistemas, é responsável pela destruição do planeta”.<sup>21</sup> Defendiam depois que “é possível um mundo alternativo ao capitalismo”.<sup>22</sup>

### 3.1.1 Medir o crescimento

Para procurar resolver esta tensão aparente, precisamos de aprofundar um pouco mais a nossa definição de pobreza e até de capitalismo, dado que, se o capitalismo reduziu ou não a pobreza depende fundamentalmente de como compreendemos estes termos. Jayakumar Christian, por exemplo, argumenta que a pobreza tem sobretudo

a ver com disparidades relacionais de poder e não é simplesmente o nível de bem-estar económico medido pelo PIB por pessoa.<sup>23</sup> Isto acentua uma questão levantada no relatório *“Abundant Africa”* iniciado pela Tearfund, nomeadamente, que precisamos de novas ferramentas de medição.

*“O PIB conta o valor dos bens e serviços produzidos num país, portanto, mais é melhor, mesmo quando acontece à custa da confiança e coesão social. O PIB mede o rendimento, mas não a igualdade, o crescimento ou a destruição e ignora a coesão social, a saúde, a felicidade, a espiritualidade e o mundo natural. Ignora geralmente o trabalho não remunerado (excluindo, portanto, muitas mulheres) e a economia informal, de que dependem três em cada cinco pessoas em todo o mundo para o seu rendimento. Medir apenas o PIB leva à ganância, à desigualdade e à extracção exploradora das pessoas e do planeta.”*<sup>24</sup>

Em resposta, o relatório apela por um novo “índice de abundância pessoal” criado pela comunidade, que seria uma medição mais holística do bem-estar que iria além dos limites estreitos de rendimento e riqueza. Uma medida alternativa actualmente existente é o “Índice Planeta Feliz” produzido pela New Economics Foundation. Mede o bem-estar de um país com base nas classificações de satisfação com a vida autodeclaradas (ou seja, até que ponto as pessoas se sentem satisfeitas), esperança de vida, desigualdade de resultados dentro do país e pegada ecológica média dos cidadãos no país. Fazem questão de acentuar, portanto, que o índice não é uma medida da felicidade dos cidadãos de um país, mas sim uma medida da “felicidade” do planeta, que inclui o bem-estar dos cidadãos combinado com o bem-estar da Terra.<sup>25</sup>

É interessante notar que, utilizando este índice, a Costa Rica atinge repetidamente o topo das classificações, apesar de ter uma economia que é classificada como sendo apenas de rendimento médio e que é um quinto da economia dos EUA. O que é ainda mais surpreendente no exemplo da Costa Rica é que há evidência de que, numa região específica, quanto mais pobres as pessoas são, mais felizes se sentem e mais tempo vivem.<sup>26</sup> A razão para isto parece ser que, entre as

**“Laços sociais fortes parecem ser mais significativos que outros factores para gerar bem-estar e longevidade.”**

18 Theos, p. 41, 2021

19 Evans e Gower, p. 11, 2015

20 Evans e Gower, p. 40, 2015

21 Euribe, p. 55, 2020

22 Euribe, p. 68, 2020

23 Christian, capítulo 1 e p. 121, 1999

24 Giljam et al., p. 38, 2021

25 Disponível em: <http://happyplanetindex.org/>

26 Marchant, 2013. Ver também Martínez e Sánchez-Ancochea, 2016

comunidades mais pobres, os laços sociais são muito mais fortes e laços sociais fortes parecem ser mais significativos que outros factores para gerar bem-estar e longevidade. Tudo isto sugere um modelo em que uma população pode ser feliz, ter uma vida longa, ter um impacto reduzido no ambiente e, contudo, em termos económicos, não ser rica. Tais redefinições do que queremos dizer com riqueza e pobreza são, portanto, importantes quando ponderamos afirmações de que apenas o capitalismo reduz a pobreza. Fá-lo apenas num tipo específico de medição da pobreza.

### 3.1.2 O bom e o mau do capitalismo

Ao mesmo tempo, necessitamos também de reconhecer que “capitalismo” não é uma coisa única; não deve certamente ser equiparado a um mercado funcional porque tais mercados têm existido desde a antiguidade. A realidade é que “capitalismo” engloba uma vasta gama de ideias, algumas das quais nós apoiáramos sem qualquer dúvida e outras que necessitam de ser rejeitadas. Os aspectos positivos do “capitalismo” incluem, entre outros, a segurança e estabilidade da propriedade privada; uma força de trabalho instruída e saudável; liberdade empresarial; a disponibilidade de capital (dinheiro para investimento) e moedas estáveis. Ao mesmo tempo, há também elementos que devem ser rejeitados: uma focalização estreita nos lucros; fechar os olhos às consequências sociais e ambientais da sua actividade; a promoção da ambição e da ganância; um enfoque no consumo; o objectivo de crescimento incessante, etc. O que isto significa é que não temos de decidir a favor ou contra o capitalismo em si.

“O que é necessário é um capitalismo reformulado e uma medição de progresso reformulada.”

Podemos simplesmente afirmar que há metas políticas específicas que são boas e devem ser seguidas – por exemplo, uma força de trabalho saudável e instruída – e há outras que devemos certamente evitar – por exemplo, a ausência de resposta às consequências ambientais. Tudo isto significa que o que é necessário é um capitalismo reformulado e uma medição de progresso reformulada. Consequentemente, o maior contributo da teologia está não tanto em especificar a métrica exacta que deverá ser usada, mas em oferecer uma visão daquilo que procuramos. As secções seguintes desdobram o conteúdo dessa meta teológica.

### 3.1.3 A teologia da generosidade

Kathryn Tanner defende uma teologia económica baseada na graça e na generosidade, fundamentada no carácter e nas relações de Deus com o mundo. O elemento central da sua ideia é que, tal como Deus nos deu livremente a nós, nós deveríamos dar livremente uns aos outros. Ela chama a isto uma “economia não concorrencial” em que o que quer que seja que tenhamos recebido pode ser distribuído livremente, sem de modo algum diminuir a nossa própria situação ou bem-estar. Isto contrasta notavelmente com uma cultura que não só açambarca egoisticamente, como usa os bens materiais como forma de elevar falsamente o estatuto



Participantes limpam um terreno de demonstração de ervas daninhas num projecto escolar de agricultura perto da cidade de Warawar em Aweil, no Sudão do Sul. Através de um projecto da Tearfund realizado na área, agricultores em Warawar receberam sementes melhoradas para culturas como sorgo, soja, gergelim e abóbora. São-lhes também ensinadas boas práticas de agricultura para melhorar a qualidade e quantidade das suas culturas na época das colheitas. Fotografia: Will Swanson/Tearfund



📷 Uma das mulheres da comunidade local a limpar as margens de um canal de irrigação numa aldeia perto de Nawalparasi, no Nepal.  
Fotografia: Chris Hoskins/Tearfund

social. Ela faz notar que numa economia de generosidade “Aqueles que recebem não guardam esses bens apenas para si mesmos como forma de posse exclusiva, mas distribuem-nos a outros do mesmo modo que Deus lhes distribuiu esses bens a eles.”<sup>27</sup> Dado o enquadramento de Tanner, a pergunta que se nos depara é saber quais são os objectivos políticos gerais que uma tal teologia económica de graça poderia gerar.<sup>28</sup>

### 3.1.4 Pobreza e desigualdade

Há, pelo menos, quatro princípios bíblicos que devemos considerar. O primeiro é simplesmente que, antes do regresso de Jesus, a **pobreza** (em todas as suas formas) deve ser reduzida. Dadas as numerosas exortações bíblicas nesse sentido (Deuteronómio 15:7-11; Gálatas 2:10; 1 João 3:17), isto dificilmente necessita de ser justificado. O segundo é que deveríamos também procurar reduzir a **desigualdade**. Se bem que **quase** todos os cristãos concordem em que devemos combater a pobreza, é relativamente à desigualdade que encontramos discordância. Em 1998, a remuneração de um CEO médio era 47 vezes a de um trabalhador médio. Em 2017, isto tinha subido para 145 vezes.<sup>29</sup> A maioria de nós pensaria que 145 vezes é excessivo, mas quanto a 47? Temos de deixar claro que as Escrituras não dão uma resposta concreta a esta pergunta, mas indicam que a desigualdade não é nem justificada nem útil. Deixam claro, o que é

importante, que a nossa riqueza não é nossa, nem é o produto do nosso esforço (Deuterónimo 8:17-18). Para além disso, ensinam-nos que, em Deus, todos nós somos criados à Sua imagem (Génesis 1:27) e todos nós somos iguais perante Deus (1 Coríntios 12; Gálatas 3:28; Colossenses 3:11). Não é, pois, surpresa que as Escrituras incentivem a redistribuição (Levítico 25; Deuterónimo 15) e a meta de igualdade económica (2 Coríntios 8:13-14).<sup>30</sup>

### 3.1.5 Trabalho

O terceiro imperativo bíblico é que o **trabalho** deve ser apropriadamente remunerado. O Antigo Testamento está repleto de instruções de que temos de pagar um salário justo, pagá-lo a tempo, e tratar bem os nossos trabalhadores (Levítico 19:13; Deuteronómio 24:14-15; Jeremias 22:13; Malaquias 3:5). Na realidade, no livro de Tiago, os comerciantes ricos são condenados por terem tratado mal os seus trabalhadores (Tiago 5:1-6). Tudo isto representa um desafio significativo à ideologia de mercado, que acredita que um salário justo e os direitos dos trabalhadores são simplesmente aquilo que o mercado ditar. Pode ser difícil determinar exactamente o que é um salário justo, ou até que ponto a estrutura salarial de uma organização deve ser igualitária, mas o que é claro é que as exigências do mercado não podem nem devem ser o único factor determinante na tomada dessas decisões.

27 Tanner, p. 179, 2010

28 Para mais informação sobre a Teologia da Generosidade de Tanner, consultar Thacker, secção 2.2.4, 2022.

29 Theos, p. 11, 2021

30 Para mais informação sobre a desigualdade e as razões pelas quais deve ser combatida, ver Thacker, secção 2.2.4, 2022.

### 3.1.6 Ecologia integral

O último princípio a descrever é simplesmente o da **ecologia integral**. É a ideia de que os aspectos social, económico e ambiental das nossas vidas estão interligados. Wangari Maathai explica-nos como isto é verdade:

*“Na minha maneira de ver, nós tendemos a pôr o ambiente em último lugar porque pensamos que a primeira coisa a fazer é eliminar a pobreza, mandar as crianças para a escola e proporcionar saúde. Mas como fazer isto? No Quénia, uma das nossas principais exportações é o café. Onde se cultiva o café? O café é cultivado na terra. Para cultivar café, precisamos de chuva, precisamos de tipos especiais de solo que se encontram em encostas e isso significa que é necessário proteger esses terrenos contra a erosão, para não perder esse solo. É também necessário assegurar que, quando as chuvas vêm, somos capazes de guardar essa água e encaminhá-la para o solo, para que as ribeiras e os rios continuem a correr e o terreno esteja relativamente húmido para essas plantas. Para as chuvas e os rios, precisamos de florestas e precisamos de assegurar que essas florestas são protegidas, que não há desflorestação, que não há queima de carvão, nem todas as actividades que destroem a floresta. Tudo isto tem realmente de ser feito para podermos cultivar bom café, para termos um rendimento, para podermos mandar os nossos filhos para a escola, comprar medicamentos, levá-los aos hospitais, cuidar das mulheres, especialmente das mães... Não é possível reduzir a pobreza no vácuo. Isso é feito num ambiente.”<sup>31</sup>*

Isto constitui também uma preocupação especial do Papa Francisco, que tem escrito frequentemente sobre o conceito.<sup>32</sup> **Em termos práticos, isto significa que nós – governos, empresas ou indivíduos – temos de pensar intencionalmente em todos estes aspectos quando levamos a cabo as nossas actividades no mundo. Os governos não podem continuar a procurar o crescimento sem considerar o seu impacto no planeta, as empresas não podem ignorar os custos ambientais e sociais das suas acções e os indivíduos têm de deixar de consumir unicamente com base na relação qualidade-preço ou como forma de realçar a sua posição social. Todos nós temos de pensar muito mais integralmente do que até agora.**

**“O importante é que o nosso sistema económico actual – seja qual for o nome que lhe queiramos dar – necessita de reforma substancial.”**

### 3.1.7 Caridade ou justiça

O último tema a mencionar nesta secção é o da justiça estrutural. Tem sido frequentemente salientado que, como cristãos, nós focamo-nos por vezes tanto nas acções de caridade (alimentar os que têm fome, dar casa aos sem-abrigo, etc.) que não atentamos suficientemente nas causas subjacentes a esses problemas. Um entrevistado africano comentou:

*“Podemos pegar em qualquer passagem e interpretá-la como ‘Deus chama-nos à caridade’ – o que é verdade. Deus chama-nos a sermos generosos quando vemos pessoas pobres e, contanto que lhes demos as nossas sobras e livremos as nossas consciências, podemos continuar. Mas não vemos o Senhor que faz perguntas mais profundas sobre a causa sistémica de como o mundo chegou à situação em que se encontra. Quando Amós bradava sobre a injustiça do seu tempo, teria sido fácil educar as pessoas para assegurar que aqueles que têm mais dêem um par de sandálias aos que não têm nenhuma. Mas ele confronta o pecado deles dizendo, ‘Vós tratai-os como sandálias!’ Essa é uma análise profunda.”<sup>33</sup>*

Um apelo específico que surgiu neste espaço é o referente a reparações. Vários organismos internacionais e regionais fizeram desta questão um tema central das suas campanhas como parte de uma agenda de descolonização.<sup>34</sup>

Em tudo isto, o que importa não é tanto podermos identificar um sistema económico específico como sendo mais bíblico que um outro, mas sim tratarmos de políticas específicas no âmbito do sistema dominante e advogar pela sua reforma, em conformidade com os princípios bíblicos e teológicos descritos.

O importante é que o nosso sistema económico actual – seja qual for o nome que lhe queiramos dar – necessita de reforma substancial. Começámos a apontar a direcção que tais alterações políticas poderiam tomar. Precisamos de examinar agora como podemos adoptar um novo futuro.

31 Maathai, 2009

32 Francisco, p. 141, 2015 e Francisco, p. 32, 2020. É interessante notar que ele tem também criticado frequentemente o culto do individualismo, indicando a ligação estreita que existe entre os dois conceitos.

33 Anderson e McGeoch, p. 47, 2020. As citações estão em itálico quando são citações diretas de participantes na consulta.

34 Este tema é discutido em muito maior profundidade em Thacker, secção 2.2.5, 2022.

# 4. Comunidade abundante

## 4.1 Quem sou eu?

Esta secção – Comunidade Abundante – representa o cerne do presente relatório. Começa por nos desafiar a repensar o que significa ser humano, especialmente o que significa ser uma pessoa em relação. A nossa sugestão é que, na origem das nossas crises ambiental e económica, está um fundamental mal-entendido da nossa natureza humana. Essa ideia errónea é produto de alguns pensadores ocidentais específicos e levou-nos a adoptar um estilo de vida que é explorador, aquisitivo, individualista e egoísta. Em contraste, este relatório apresenta uma visão de um entendimento da humanidade muito diferente. O conceito que melhor descreve essa alternativa é o de uma comunidade abundante. Tais comunidades acreditam que a sua identidade é formada em relação a Deus e isto, por sua vez, define os seus relacionamentos consigo mesmos, uns com os outros e com o resto da criação. Isto representa uma dinâmica relacional em que o importante é não apenas como nos relacionamos, mas quem somos ao estabelecermos a relação. Trata-se de um entendimento diferente de mim próprio, uma versão alargada de nós, que me leva a comportar-me dentro do planeta que partilhamos com uma atitude que o vê como um agregado familiar e não como um mercado competitivo. Isto significa que partilhamos e cuidamos em abundância, não apenas a nossa riqueza, mas também o nosso poder, as nossas vozes e as nossas vidas, porque guardamos os nossos tesouros nas vidas e no bem-estar do nosso próximo global e do mundo que Deus providenciou. Deste modo, trata-se mais de uma abundância de amor, esperança e confiança, expressa em relacionamentos, ligações e interdependência, do que uma abundância de bens. Tudo isto é como uma comunidade abundante pensa e age. Chamamos a atenção para a base bíblica e teológica deste enquadramento e para como versões dele têm persistido na sabedoria e nas tradições de muitas comunidades do Sul Global.

### 4.1.1 Pânico na comunidade

Podemos introduzir esta ideia fazendo uma distinção entre uma teologia (ou mentalidade) da abundância e uma teologia (ou mentalidade) da escassez. É importante notar que o principal enfoque destas duas abordagens não é a abundância ou escassez de bens materiais; o principal enfoque são os valores, atitudes e sistemas de crença associados a quaisquer que sejam os bens existentes. Assim, uma teologia de abundância não nega os nossos limites ecológicos, mas sugere que o modo como tratamos esses bens ambientais poderia ser muito diferente. O fenómeno de compras desencadeadas pelo pânico ilustra estas duas abordagens. A lógica do comprador em pânico (a mentalidade de escassez) é mais ou menos esta:

- Não tenho a certeza que haja x suficiente para todas as pessoas;
- Receio não vir a ter x suficiente para as minhas necessidades;

- Portanto, vou apanhar tanto x quanto puder para salvar as minhas futuras necessidades de x.

Em contraste, o comprador que não está em pânico (com a mentalidade de abundância) pensa assim:

- Não tenho a certeza que haja x suficiente para todas as pessoas;
- Receio que não venha a haver x suficiente para satisfazer as necessidades de todas as pessoas;
- Portanto, vou levar apenas um de x (ou até nenhum) para assegurar que deixo o suficiente para todas as outras pessoas.

### 4.1.2 O suficiente chega

O ponto crucial é que a diferença fundamental entre estas duas abordagens não tem a ver com a quantidade de bens realmente existente, mas com a nossa atitude para com esses bens. **A teologia da escassez diz-nos que temos de consumir e acumular egoisticamente; a teologia da abundância diz-nos que podemos partilhar generosamente.** Por isso, a mentalidade da escassez gera o individualismo, o egoísmo, a ganância e a competitividade que estão a devastar o planeta – económica e ambientalmente. Em contraste, a mentalidade da abundância gera uma generosidade comunitária e altruísta que promove relações de cuidado de uns para com os outros e para com a comunidade da criação. Representa uma teologia de suficiência em que a pessoa toma aquilo de que precisa e não o que deseja (Hebreus 13:5). Na carta de Paulo aos Filipenses, ele diz-nos que aprendeu a adaptar-se a toda e a qualquer circunstância (Filipenses 4:11). Em Efésios 4:28, incentiva-nos a trabalhar para que “tenhamos o que repartir com quem estiver em necessidade”. O que estes versículos salientam é a rica tradição teológica de “suficiência”. O pensamento económico contemporâneo diz-nos que não devemos satisfazer-nos nunca com aquilo que temos e que devemos sempre competir por mais. Deus incentiva-nos a seguir uma dinâmica inteiramente diferente.

## 4.2 Uma antropologia relacional

### 4.2.1 Ubuntu e viver bem

Os fundamentos bíblicos e teológicos desta ideia de uma comunidade abundante encontram-se numa maneira diferente de pensar no que significa ser humano – uma antropologia diferente. Esta abordagem continua a existir em muitas comunidades de todo o Sul Global, mas foi de um modo geral esquecida no Norte Global. Pode ser encontrada no povo quechua, na América Latina, e entre os Pés Negros,



▣ O Pastor Idrissa na sua quinta na aldeia de Perakuy, municipalidade de Ouarkoye, Burkina Faso, mostra duas das papaias que lá cultivou. Fotografia: Jonas Yameogo/Tearfund

nas Grandes Planícies.<sup>35</sup> Está evidente no conceito coreano de *Sangsaeng* e especialmente na ideia banto de *Ubuntu*. *Ubuntu* é a ideia de que “uma pessoa é uma pessoa por meio de outras pessoas”.<sup>36</sup> O relatório *Abundant Africa* descreve o conceito assim:

*“Todos os seres humanos são interdependentes. Somos humanos porque pertencemos à nossa sociedade, participamos nela e partilhamo-la. Manter a solidariedade social é uma tarefa colectiva. Ubuntu inclui cuidar dos ecossistemas naturais de que somos uma parte inteiramente dependente... Ubuntu implica que uma pessoa pode aumentar a sua fortuna partilhando com outros membros da sociedade, elevando assim a sua posição social no seio de uma comunidade local. A filosofia de Ubuntu dá aos africanos um sentimento de orgulho, propriedade, partilha e cuidado e motivamos a tornarmo-nos pessoas melhores. Todos são considerados importantes porque pertencem à nossa comunidade. Ubuntu significa que a nossa abundância, enquanto africanos, depende do melhoramento das nossas comunidades e do ambiente e promovê-lo é, portanto, de importância vital para combater a pobreza, os conflitos políticos, a injustiça e os desafios ambientais. Isto pode ser feito mostrando empatia para com outras pessoas, partilhando recursos comuns e trabalhando em colaboração para resolver problemas comuns.”*<sup>37</sup>

“O que queremos dizer não é apenas que, como indivíduos, temos de nos relacionar bem com outros seres humanos e com o planeta, mas que a nossa própria identidade – o entendimento que temos de nós próprios – está intrinsecamente ligada e é moldada pelo nosso relacionamento com outros e com o resto da criação.”

Ao destacar isto, não queremos dizer que todas as pessoas num contexto ocidental vivem sem este tipo de orientação comunitária que caracteriza o pensamento *Ubuntu*, nem que todas as pessoas em África vivem em harmonia relacional. O individualismo afecta muita gente no Sul Global e o comunitarismo é uma tradição rica no Norte Global.<sup>38</sup> Não obstante, a mentalidade predominante do Norte Global é sem dúvida individualista.

O que queremos dizer não é apenas que, como indivíduos, temos de nos relacionar bem com outros seres humanos e com o planeta, mas que a nossa própria identidade – o entendimento que temos de nós próprios

35 Burkhart, p. 25, 2004

36 Giljam, p. 20, 2021

37 Giljam, p. 20, 2021

38 O movimento monástico, a comunidade Bruderhof, algumas expressões do cristianismo celta e a espiritualidade franciscana são todos eles exemplos.

– está intrinsecamente ligada e é moldada pelo nosso relacionamento com outros e com o resto da criação. Algumas das nossas organizações parceiras da América Latina afirmaram “outras culturas, especialmente culturas ancestrais, possuem uma visão da vida integral e comunitária. Por isso, se a criação for afectada, todos serão afectados; e se um ser, vivo ou não vivo, for afectado, toda a criação será afectada.”<sup>39</sup> Baseavam-se nos conceitos andinos de “sumak kawsay” e “suma qamaña”. Segundo ambos estes conceitos, só podemos viver bem se outros estiverem também a viver bem. “Sumak kawsay” é frequentemente traduzido como “viver bem” e tanto “sumak kawsay” como “suma qamaña” implicam um conceito de comunidade, interdependência, harmonia relacional com a criação e uns com os outros. Comentam: “Precisamos de aprender mais sobre o conceito de viver bem como ética de vida dos povos indígenas, que nos desafia para uma vida de comunidade e interdependência, em contraste com individualismo e instrumentalização”.<sup>40</sup>

#### 4.2.2 “Somos um”

Em termos bíblicos, essa antropologia relacional encontra-se em todas as Escrituras. É talvez particularmente clara na oração de Jesus em João 17:21, de que sejamos um, tal como ele e o Pai são um, e na teologia descrita por Paulo em 1 Coríntios 12 e Romanos 12, que faz referência ao corpo. Teologicamente, encontra-se nas relações trinitárias em que o Pai é o Pai por causa da sua prévia relação com o Filho. É a relação que está em primeiro lugar, não os membros individuais da trindade isolados uns dos outros. Os teólogos da igreja primitiva usavam o termo *pericorese*, de origem grega, para descrever esta realidade. Significa uma coabitação e interpenetração de cada membro da Trindade. Assim, quando Jesus ora para que sejamos um tal como ele e o Pai são um, está a orar para que tenhamos consciência desta realidade, que saibamos que a nossa própria identidade é formada em comunidade. Isto é mais do que dizer que temos de ter boas relações uns com os outros – o que é, obviamente, verdade. É dizer que a identidade de quem somos se encontra na comunidade. “Sou porque somos” é como *Ubuntu* é frequentemente definido, “individualmente, somos membros uns dos outros” é como o apóstolo Paulo o afirmou (Romanos 12:5). Esta é a verdade profunda que precisamos de recuperar.

Para além disto, esta identidade comunitária abrange não apenas os outros seres humanos, mas também o resto

**“Na nossa existência, estamos integralmente relacionados com o resto da criação, existimos em paralelo com essa criação mais vasta, louvando a Deus com a criação, dando glória a Deus juntamente com a criação não humana, sendo parte de uma comunidade gloriosa da criação.”**

da criação. Na verdade, os nossos corpos compreendem numerosos microorganismos que nos permitem digerir os alimentos, decompondo-os, gerando nutrientes de que necessitamos e eliminando toxinas que, se assim não fosse, nos causariam danos. Não poderíamos literalmente viver sem as bactérias que existem no nosso intestino. Mas mais do que isso, somos parte do mundo criado que nos rodeia. É verdade que temos a desempenhar um papel diferente nessa criação, que inclui o facto de sermos criados à imagem de Deus e representarmos, portanto, Deus perante o resto da criação. Contudo, isso não nega o facto de que, na nossa existência, estamos integralmente relacionados com o resto da criação, existimos em paralelo com essa criação mais vasta, louvando a Deus com a criação, dando glória a Deus juntamente com a criação não humana, sendo parte de uma comunidade gloriosa da criação.

#### 4.2.3 O Espírito de uma casa compartilhada

Tudo isto é trabalho do Espírito. O Espírito de Deus teve um papel central na criação original, mas, para além disso, no dia de Pentecostes, Deus não encheu simplesmente uma série de indivíduos com o seu Espírito para que eles, como indivíduos, pudessem ir e pregar as Boas Novas separadamente uns dos outros. O efeito imediato do Espírito foi antes o estabelecimento de uma nova comunidade vista em fraternidade, a repartir comida, a partilhar bens, generosidade e gratidão pela boa dádiva de Deus (Actos 2:42-47). Em resumo, desenvolveram novas relações uns com os outros e com o resto da criação. Daniela Augustine escreve que esta nova comunidade se caracterizava mais pela economia de uma casa compartilhada do que pela economia de um mercado competitivo. Nessa economia de casa compartilhada, “a riqueza da família é a riqueza de todos os seus membros e os bens materiais são usados para o bem comum visto que o bem-estar pessoal vem do bem-estar partilhado do agregado familiar que se mantém mutuamente seguro”.<sup>41</sup> Além disto, a identidade desta nova comunidade encontra-se não na acumulação egoísta, mas em possibilitar que todos prosperem, incluindo o resto da criação.

Por isso, se adoptarmos a antropologia inteiramente relacional e integral de que temos vindo a falar, surge um novo enquadramento. Nesta abordagem, começamos com o pressuposto de que **a terra produz recursos suficientes, se não abundantes, para que todos prosperem. Reconhecemos que isto só pode ser realizado na prática se a nossa posição assumida for a de partilhar esses recursos.** Empenhamo-nos nessa partilha porque **nos identificamos como um povo em relacionamento uns com os outros e com a Terra.** Não imaginamos que os recursos que possamos adquirir nos pertencem unicamente a nós, como indivíduos ou como seres humanos, nem vemos o planeta como o nosso centro comercial, onde podemos consumir e açambarcar como quisermos. Em vez disso, partimos do princípio que **os bens desta Terra fazem parte da nossa casa compartilhada e, portanto, pertencem a todos, incluindo as outras espécies com as quais vivemos.** A única questão é saber como iremos partilhá-los no contexto específico em que nos encontramos.

39 Euribe, p. 20, 2020

40 Euribe, p. 137, 2020

41 Augustine, p. 372, 2020. Ver também Augustine, 2019. Para mais informação sobre a teologia Pentecostal e a sua relevância para as questões de sustentabilidade ambiental e económica, ver Thacker, secção 2.3, 2022.

## 4.3 A teologia da escassez e a teologia da abundância

### 4.3.1 As raízes da escassez<sup>42</sup>

Se estes conceitos relacionais parecem estranhos, isso é apenas porque demasiados de nós (especialmente no Norte Global) fomos persuadidos a pensar de um modo inteiramente diferente sobre o que significa ser humano. Essa alternativa não bíblica é a mentalidade individualista e competitiva a que temos vindo a chamar uma teologia da escassez. As origens desta abordagem encontram-se na tradição filosófica ocidental. Começa com o pressuposto que o nosso planeta tem recursos insuficientes para a sobrevivência de todos. Combina depois isto com o individualismo ocidental e com uma mentalidade darwiniana de sobrevivência para gerar uma visão do mundo em que, como indivíduos, competimos uns com os outros pelos escassos recursos de que necessitamos para sobreviver. O fruto deste sistema de crença é a dominação, a exploração e a competição que caracterizam as nossas relações uns com os outros e com o planeta. É este sistema de crença que promove a ganância e o consumo excessivo que passou a caracterizar o indivíduo ocidental típico. Está também evidente no modo como o capitalismo tem justificado uma relação extractiva com a Terra em que o abate ilegal de árvores, a sobrepesca e a agricultura intensiva levaram à deflorestação, à perda de espécies, à erosão dos solos e à desertificação por todo o mundo. Tudo isto em vez do abraço solidário que deveria ter sido o nosso modo de interacção.

### 4.3.2 Escassez e caridade

Este quadro de pensamento pode também afectar o modo como alguns no Norte Global pensam sobre a justiça. Vêm os recursos do mundo como escassos, vêem as pessoas que são pobres e são levados pela compaixão a responder. Se aceitarmos as características básicas de uma mentalidade de escassez, a única solução possível é ampliar a economia para que aqueles de nós com um pouco mais de consciência social e que ganharam na competição da vida possam partilhar um pouco do nosso excesso com os que perderam. Contudo, e crucialmente, tal “generosidade” é vista como indo contra os nossos instintos naturais de egoísmo e competitividade e não questiona de modo algum o sistema que, desde logo, permitiu o nosso estatuto de vencedores. Essa confiança na situação existente é equivocada porque ignora as soluções bíblicas que Deus nos deu. Lowery escreve:

*“Os pressupostos de escassez e de necessidades e desejos ilimitados são os pilares gêmeos da teoria económica clássica. Estes pressupostos estão na base de decisões económicas concretas tomadas por empresas e governos e criam um imperativo de crescimento económico ilimitado. De acordo com estes pressupostos, a única resposta humana à pobreza e ao desemprego é aumentar constantemente o ‘bolo’ económico, criando*

*mais riqueza e alargando o número de pessoas a quem é distribuída uma fatia. Os problemas sociais e ecológicos criados pelo crescimento económico ilimitado são, nesta perspectiva, os custos inevitáveis de satisfazer as necessidades vitais a maiores números de pessoas. Os princípios de abundância e autocontenção do Shabat e do Jubileu vão contra estes pressupostos geralmente incontestados da economia contemporânea e centram a atenção na melhor distribuição e não em níveis de produção mais elevados. O problema não é a escassez, mas sim a vontade de partilhar.”<sup>43</sup>*

### 4.3.3 A abundância bíblica

Se bem que a teologia da abundância esteja patente em várias passagens da Bíblia – veja-se nomeadamente João 10:10 “Eu vim para que tenham vida e a tenham plenamente” – os seguintes versículos de Deuterónimo apresentam talvez o sumário mais claro do enquadramento. Contrastam claramente com a teologia da escassez que acaba de ser descrita.

**“Assim, não deverá haver pobre algum no meio de vocês, pois na terra que o Senhor, o seu Deus, está lhes dando como herança para que dela tomem posse, Ele os abençoará ricamente, contanto que obedeçam em tudo ao Senhor, o seu Deus, e ponham em prática toda esta lei que hoje estou lhes dando [...] Se houver algum israelita pobre em qualquer das cidades da terra que o Senhor, o seu Deus, está lhes dando, não endureçam o coração, nem fechem a mão para com o seu irmão pobre. Ao contrário, tenham mão aberta e emprestem-lhe liberalmente o que ele precisar.”**

**Deuterónimo 15:4-8**

Esta passagem pode talvez ser sintetizada assim:

Não precisa de haver pobreza,<sup>44</sup>

porque Deus deu-nos recursos suficientes.

Contudo, isto depende da nossa obediência a Deus: especificamente, temos de ser generosos a partilhar aquilo que temos.

Deste modo, uma comunidade abundante é o que decorre, a expressão prática, de uma teologia da abundância. A primeira denomina aquilo que vemos – uma comunidade de criação em que a generosidade é a norma; a última é o nome de um enquadramento teológico que permite isso,

<sup>42</sup> Para mais informação sobre a teologia da escassez, ver Thacker, secção 3.3, 2022.

<sup>43</sup> Lowery, p. 151, 2000. Ver também Myers, 2001, que se baseou muito em Lowery no seu conceito de economia do *Shabat*. Ver também Brueggemann, 1999, que diz que “o problema central das nossas vidas é que somos profundamente afectados pelo conflito entre a nossa atracção pelas boas novas da abundância de Deus e o poder da nossa crença na escassez”.

<sup>44</sup> Tal como a Tearfund tem dito repetidamente: “A pobreza não faz parte do plano de Deus”. Não é como Deus queria que o mundo fosse.



☛ Uma comunidade reunida no Vale do Rifte, na Tanzânia. Fotografia: Toby Lewis Thomas/Tearfund

especificamente, uma antropologia relacional em que a nossa identidade é formada na comunidade. Em contraste com este paradigma, uma teologia da escassez diz-nos que:

Haverá sempre pobreza,

porque Deus (ou o planeta) não nos deu recursos suficientes.

Portanto, para evitarmos a pobreza, precisamos de acumular egoisticamente para nos protegermos.

O argumento que defendemos é que é esta mentalidade de escassez que gera o medo, a ganância e a falta de confiança em Deus que, por sua vez, levam à exploração do ambiente e a injustiças económicas e, como tal, está na origem dos problemas que queremos resolver.

Ao dizer isto, é importante reconhecer que a teologia da abundância aceita a natureza finita dos recursos da Terra. Nada no pensamento de abundância nega o facto de que, colectivamente, precisamos de viver dentro dos limites ecológicos. O pensamento de abundância também não deve ser equiparado com um ensinamento de prosperidade. **O evangelho da prosperidade centra-se na acumulação de recursos excessivos para mim enquanto indivíduo; o pensamento de abundância centra-se em como prosperamos juntos enquanto comunidade.** Pode ser estabelecido um paralelo com a famosa história de maná no deserto. Nesse milagre, Deus deu aos filhos de Israel tudo o que necessitavam para prosperar (Êxodo 16). Contudo, no decorrer do processo, disse-lhes especificamente que não açambarcassem o maná, mas tomassem apenas aquilo de que precisassem para esse dia (Êxodo 16:19). Os filhos de Israel desobedeceram e, como resultado, o maná apodreceu. Na verdade, é talvez irónico que o único maná que Deus lhes disse que guardassem era uma porção simbólica para que pudessem mostrar a gerações futuras

o que Deus lhes tinha generosamente dado no deserto (Êxodo 16:32). Por outras palavras, a única altura em que devemos guardar mais do que necessitamos é quando mostramos aos outros que não precisamos de açambarcar!

#### 4.3.4 Ganância humana

Como será óbvio, o que aconteceu com o maná no deserto é comparável com a forma como estamos a tratar o ambiente hoje. Deus providenciou em abundância para todos. Deu-nos até instruções específicas para como cuidar desse ambiente. Porém, nós ignorámos Deus e, por egoísmo e ganância, esforçamo-nos por tentar consumir e açambarcar o máximo possível do mundo criado por Deus. Nesse processo, o mundo deteriorou-se e vemos à nossa volta a degradação resultante do nosso comportamento: perda de habitats, extinção de espécies, secas, inundações e incêndios florestais incontrolláveis. E o que torna isto ainda pior que o pecado cometido no deserto é que aqueles que mais contribuíram para causar o problema não são os que estão a sofrer as suas piores consequências. Os nossos irmãos e irmãs no Sul Global estão a morrer porque demasiados de nós (especialmente no Norte Global) adorámos este ídolo da ganância.

Por contraste, o pensamento de abundância (que aceita o carácter finito do nosso planeta) não leva aos mesmos comportamentos precisamente porque coloca a ênfase naquilo que necessitamos e não naquilo que desejamos. Isto é claramente ilustrado, não apenas nas Escrituras, mas também na sabedoria de tantas comunidades indígenas que continuam a recordar-nos que o mundo é um mundo de abundância, temos apenas de acabar com a nossa exploração egoísta. Jocabed Reina Solano Miselis, que é de um grupo indígena no Panamá, conta a história da árvore Balu Wala. Esta árvore era muito grande e frondosa e na sua

copa havia uma floresta com animais e plantações de milho, cana de açúcar, bananas suculentas e outras culturas. Todos os habitantes da Terra podiam ser alimentados por esta árvore. Mas houve pessoas que se apropriaram dos recursos de todos e quiseram guardá-los para si, perturbando a harmonia da vida com a sua ganância. Ibeler é uma figura da comunidade Gundadule que lutou contra o sistema de poder opressivo porque sabia que tudo o que “BabaNana tinha criado não se destinava a um grupo, mas sim a todos os filhos de Olobibbir-gunyai (a Mãe Terra)”.<sup>45</sup>

#### 4.3.5 Dar aquilo que é devido

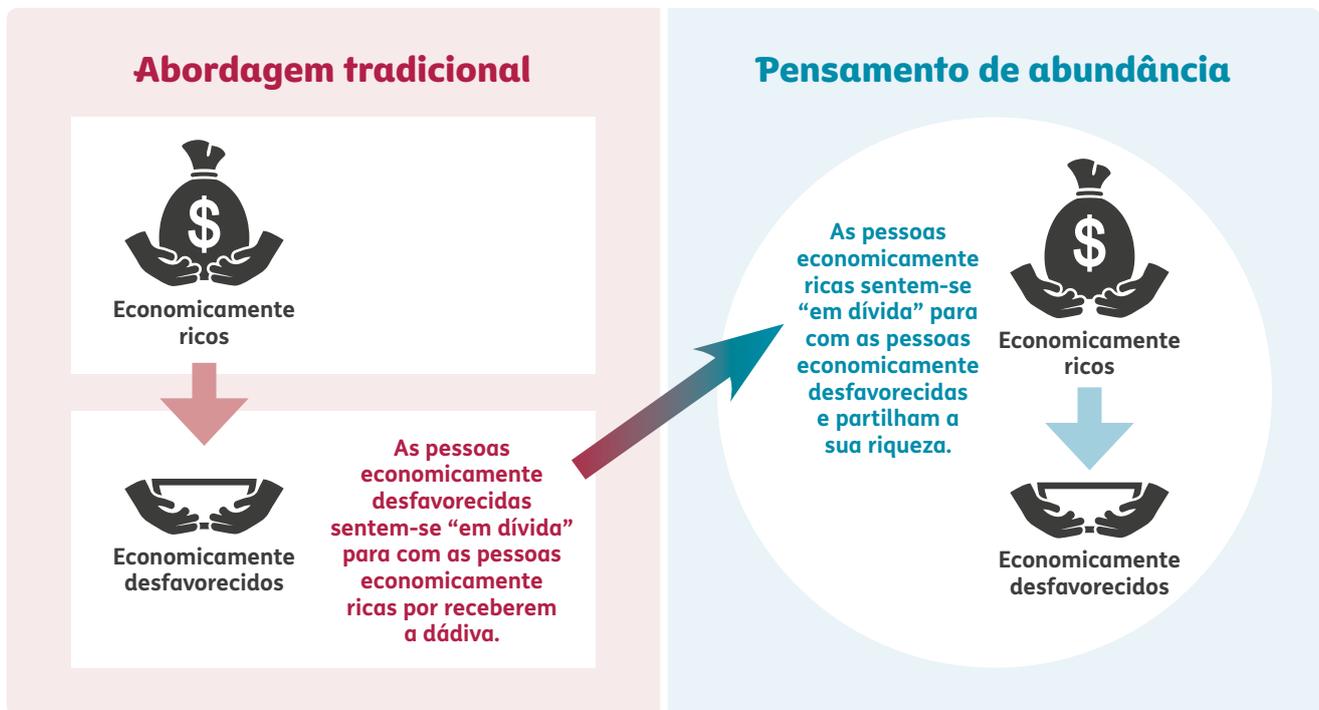
Esta abordagem alternativa aos recursos da Terra é reflectida noutra característica central de uma comunidade abundante. Falamos do facto de que qualquer redistribuição daqueles que são ricos para os que são pobres não é caridade ou generosidade (no sentido de fazer alguma coisa especial), mas é antes uma prática automática em que os ricos vivem de acordo com a sua identidade em Cristo. Ao escrever no séc. IV, Santo Ambrósio (340–397 AD) disse:

*“Você não dá ao pobre o que é seu, mas você devolve o que é dele. Você sozinho se apossa do que foi dado a todos, para que todos o usassem em comum. A Terra é de todos, não só dos ricos ... Você, portanto, restitui o que é devido, não dá de presente o que não é devido”.*<sup>46</sup>

Na mesma linha de pensamento, desafiou-nos a guardar a nossa riqueza “no coração dos pobres”, “no

seio dos necessitados”, “nas casas das viúvas”, “nas bocas das crianças”. “Estes são os armazéns que ficam para sempre, os celeiros que a abundância futura não destruirá”.<sup>47</sup> Dissemos já que um traço característico da vida impregnada pelo Espírito é uma nova comunidade que adopta uma mentalidade de casa partilhada em vez da mentalidade de um mercado competitivo. Consideraríamos extremamente disfuncional uma refeição de família em que o patriarca açambarcasse a grande maioria dos alimentos e se considerasse depois generoso quando partilhasse algumas migalhas com a sua esposa e filhos. **Um lar funcional é aquele em que as provisões são automaticamente partilhadas e tal partilha é simplesmente considerada normal. Por isso, quando damos filantropicamente, não estamos a fazer nada de extraordinário, estamos simplesmente a devolver aos que são pobres algo que é devido.**

O reconhecimento disto transforma o nosso entendimento do que significa trabalhar em parceria com outros no mundo. Porque quando acreditamos realmente que a nossa riqueza pertence àqueles que são pobres, isto muda a forma como pensamos em doadores e beneficiários. Deixa de ser o caso que os ricos estão a dar aos pobres e, portanto, de algum modo, os pobres ficam em dívida para com eles. O que acontece é antes que ambos estão a receber de Deus as bênçãos que Deus dá. O indivíduo rico que dá recebe o privilégio de poder devolver a Deus algo que Deus lhe deu primeiro; a pessoa que é pobre recebe de Deus as ofertas materiais que Deus dá. Ambos estão em dívida para com Deus; nenhum deles está em dívida para com o outro.<sup>48</sup>



45 Miselis, p. 76, 2020. BabaNana refere-se a Deus como mãe e pai ao mesmo tempo.

46 Ambrósio 12:53. Vários outros pais da igreja disseram coisas semelhantes, ver Thacker, secção 3.4, 2022.

47 Ambrósio 7:37

48 Para mais informação sobre a teologia bíblica deste ponto, ver Thacker, secção 3.5, 2022.

### 4.3.6 Partilha global

Há um episódio maravilhoso no romance de Barbara Kingsolver “A Bíblia Envenenada”, que ilustra tudo isto. O romance conta a história de uma família ocidental de missionários que vai para a África Central em 1959. Têm dificuldade em se adaptar à vida congoleza em numerosos aspectos, mas repetidamente no romance uma das coisas que acham estranha é a forma como os aldeões partilham por rotina o seu excesso uns com os outros. A seguinte conversa tem lugar entre um dos filhos dos missionários e um professor congolês:

*“Quando um dos pescadores, digamos Tata Boanda, tem sorte no rio e volta para casa com o barco carregado de peixe, o que é que ele faz?”...*

*“Canta o mais alto que pode, toda a gente vem e ele dá o peixe todo.”*

*“Mesmo aos inimigos dele?”*

*“Acho que sim. Sim. Eu sei que Tata Boanda não gosta muito de Tata Zinsana e ele dá a maior parte às mulheres de Tata Zinsana... É simplesmente como uma pessoa congoleza pensa em dinheiro.”*

*“Mas se a pessoa continua a dar todo o pouco que tem em excesso, nunca vai enriquecer.”*

*“Isso é provavelmente verdade.”*

*“E toda a gente quer ser rica.”*

*“É mesmo?”<sup>49</sup>*

Nada disto pretende negar que o facto de as pessoas não partilharem é muito problemático no Sul Global, tal como o é entre o Norte Global e o Sul Global. De facto, alguma da desigualdade mais extrema ocorre nas capitais do Sul Global em que comunidades residentes em condomínios fechados, rodeadas por arame farpado, existem junto a bairros urbanos degradados.

Do mesmo modo, uma comunidade abundante não é aquela que se isola e partilha generosamente dentro dos seus limites, mas mantém à distância aqueles que não pertencem ao grupo. O pensamento de abundância não define uma comunidade, mas sim uma atitude. Define, em particular, uma atitude de partilha generosa, independentemente de fronteiras nacionais, étnicas, locais ou tribais. É isto que a distingue de uma simples ética comunitária. Mais do que isso, adopta esta perspectiva global porque a antropologia em que se baseia não é nacional, local ou tribal, mas é teológica. Baseia-se no amor incondicional de Cristo que, na parábola do bom Samaritano, nos ensinou que, **quando se trata de partilhar a nossa riqueza, não há lugar para a rivalidade étnica**. Uma comunidade abundante pode ser definida geograficamente, mas a sua mentalidade e atitude são globais e universais.

Além disso, a partilha de que falamos não se refere apenas a dinheiro ou bens, mas inclui também o poder,

a informação, o acesso e a voz. Diz também respeito à nossa utilização de energia. Numerosos comentadores têm salientado que a pegada de carbono de uma pessoa no Reino Unido é, em média, 25 vezes a de uma pessoa na África Subariana. A teologia da abundância não nos diz que podemos gastar essa pegada como entendermos; lembra-nos, em vez disso, que necessitamos de partilhar de modo justo e equitativo os recursos abundantes que Deus nos deu. De um ponto de vista ecológico, isso significa que uma assimetria de 25 vezes naquilo que gastamos é injusta e destruidora. O cidadão britânico necessita de usar muito menos do seu quinhão teórico de carbono, precisamente para que o africano possa usar mais. E enquanto, a nível global, necessita de haver uma redução geral e significativa nas emissões de carbono para zero líquido, essa exigência recai muito mais sobre aqueles de nós que actual e historicamente têm gasto muito mais. É, em parte, por esta razão que os apelos a que seja limitada a nossa pegada ecológica têm de ser contextualizados. Existe uma necessidade global de atingir o zero líquido tão cedo quanto possível, mas temos de assegurar que, ao defender isso, não damos a impressão de ser o Norte Global a dizer ao Sul Global que não pode alargar as suas economias conforme necessário para solucionar a pobreza dentro das suas fronteiras. Portanto, temos de partilhar as nossas pegadas de carbono muito mais equitativamente e pisar colectivamente com muito maior ligeireza na Terra porque é o nosso lar partilhado que está a ser destruído na nossa abordagem aquisitiva do mundo natural.

## 4.4 Uma comunidade abundante – algumas implicações práticas<sup>50</sup>

Nesta última secção, definimos algumas das implicações práticas disto para os indivíduos, as igrejas, empresas, governos nacionais, a comunidade internacional e a Tearfund enquanto organização de desenvolvimento.

### 4.4.1 Para os indivíduos:

Ao adoptar uma nova mentalidade, ao reconhecer o nosso mandato bíblico de viver como comunidades abundantes, podemos:

**1. Deter os nossos bens com ligeireza.** Quando a nova comunidade foi formada em Actos, um dos efeitos imediatos do Espírito foi que “ninguém considerasse unicamente sua coisa alguma que possuísse” (Actos 4:32). Como seriam as nossas comunidades transformadas se vivêssemos assim hoje?

**2. Partilhar generosamente.** Em reconhecimento da nossa posição como membros de um agregado familiar, consideramos que partilhar a riqueza material é a norma e não um acto de caridade extraordinário. Deste modo, guardamos a nossa riqueza nas vidas e nos meios de subsistência de outros.

49 Kingsolver, 1998

50 Para mais pormenores sobre algumas destas implicações, ver Thacker, secção 3.5, 2022. Ver também as recomendações em Evans e Gower, p. 23, 2015.



❏ Depois de participar na formação da Tearfund sobre Transformação de Igrejas e Comunidades, na Igreja CCAP em Chirambi, Hamitoni Banda, de 40 anos, tornou-se agricultor e proprietário de um pequeno negócio. Partilha agora as suas competências com a comunidade e emprega pessoas locais. Nesta foto, mulheres da igreja local de Hamitoni, em Salima, na região central do Malawi, são empregadas para colher amendoim. Fotografia: Marcus Perkins/Tearfund

**3. Comprar e investir eticamente.** Substituímos o mantra de “relação qualidade-preço” por uma ética de “qualidade para a vida” e, por isso, quando compramos e investimos temos em conta os impactos ambientais, o tratamento dos trabalhadores, o comportamento fiscal e a abordagem aos direitos humanos das empresas das quais compramos e dos bancos e pensões em que guardamos os nossos fundos.<sup>51</sup>

**4. Viver uma teologia de suficiência.** A ganância é o consumo excessivo ou açambarcamento de bens de que não precisamos e é contrária à teologia de suficiência que permite que todos prosperem. Isto significa que não só compramos eticamente, mas consumimos menos (pelo menos aqueles de entre nós que se encontram em sociedades com uso intensivo de carbono). Não serve de nada comprar as marcas de origem mais ética, se comprarmos grandes quantidades do produto sem precisar dele.

**5. Pensar em termos globais.** O reino de Deus não conhece fronteiras. Por isso, pensar em termos globais significa que consideramos como nosso próximo o trabalhador que coseu as nossas roupas noutro país, o ilhéu cuja terra está ameaçada pela subida do nível do mar, o país, o grupo político ou étnico nosso rival, tanto quanto o amigo que temos na vizinhança. Todos eles fazem parte do agregado familiar que partilhamos.

#### 4.4.2 Para as igrejas:

**6. Ensinar uma teologia relacional.** Especialmente aqueles de nós que nos encontramos no Norte Global, necessitamos de reconhecer que nadamos numa cultura de individualismo. Isto significa que, a não ser que, explicita e intencionalmente, apresentemos um ponto de vista alternativo, é esta a mentalidade que iremos adoptar. As lideranças das igrejas têm, pois, uma responsabilidade de usar os ricos recursos bíblicos que nos mostram ser possível uma maneira de pensar alternativa.

**7. Praticar a vida relacional.** Algumas igrejas criaram bancos de recursos em que todo o tipo de coisas, desde roupas a ferramentas eléctricas e camas de bebé, são mantidas centralmente e partilhadas livremente entre a congregação. Trata-se de promover uma cultura de “nós” em vez de “eu”.

“As igrejas podem também demonstrar a sua solidariedade para com a igreja global tratando da sua própria pegada de carbono e partilhando generosamente a sua riqueza.”

51 Ethical Consumer ([www.ethicalconsumer.org](http://www.ethicalconsumer.org)) é um excelente recurso para ajudar nisto.

**8. Exemplificar práticas empresariais alternativas.** As igrejas podem desempenhar um papel fundamental na demonstração de uma maneira diferente de fazer negócio. Podem ajudar a criar jardins ou quintas comunitárias, uniões de crédito, cooperativas e empresas sem fins lucrativos (ex. cafés, creches, habitação alternativa).

**9. Viver em abundância.** As igrejas podem também demonstrar a sua solidariedade para com a igreja global tratando da sua própria pegada de carbono (ex. Eco Church) e partilhando generosamente a sua riqueza (ex. doações filantrópicas).

#### 4.4.3 Para o sector comercial:

Reconhecemos o contributo das empresas, que proporcionam empregos e impulsionam a economia. Temos também consciência de que o desenvolvimento económico requer que as comunidades locais tenham um forte sentido de agência e empreendedorismo, a convicção de que são capazes de abrir o seu próprio caminho para sair da pobreza e não dependem simplesmente do apoio externo. Não obstante, preocupam-nos também a desigualdade crescente e o facto de muitas empresas não assumirem responsabilidade pelos custos ambientais das suas operações. Por isso, incentivamos as empresas a encarar seriamente 3 aspectos - pessoas, planeta e lucros:

**10. Tratar as pessoas com justiça.** Isto inclui pagar um salário justo, apoiar os direitos dos trabalhadores, assumir responsabilidade pelas cadeias de fornecimento e as condições dos trabalhadores nessas cadeias. Inclui também uma expansão significativa das formas de propriedade mutualista e cooperativista das empresas.

**11. Proteger as vidas e o planeta.** As empresas necessitam de reconhecer e tratar dos custos ambientais da sua actividade. Essas externalidades têm sido rotineiramente ignoradas e demasiadas empresas têm se engajado no “ambientalismo de fachada”, sem prestar realmente atenção ao impacto da sua actividade no planeta e nas pessoas cujas vidas são afectadas.

**12. Distribuir os lucros.** Reconhecemos a necessidade de muitas empresas de gerar lucros para poderem ser sustentáveis. Necessitam, no entanto, de ponderar a dimensão desses lucros e quem beneficia deles. Maximizar o valor para os accionistas deve deixar de ser a sua única preocupação. Os lucros necessitam de ser reinvestidos para criar mais empregos e servir as comunidades de que beneficiam. Contudo, esse investimento na comunidade

não pode ser usado como uma capa em que um braço filantrópico procura ocultar ou distrair de comportamento contrário à ética noutra parte da empresa.<sup>52</sup>

#### 4.4.4 Para os governos:

**13. Responder à emergência climática.** Isto envolve um processo sistemático que, pela sua concepção, descarbonize e promova uma economia circular. Inclui também o fornecimento pelos governos ocidentais de níveis de financiamento climático adequados aos países de baixo rendimento. Isto foi prometido em 2009, para ajudar a pagar perdas e danos, mas também para financiar as adaptações às alterações climáticas. Até à data, a promessa não foi cumprida.

**14. Redistribuir os fundos.** Isto pode ser conseguido através de níveis de segurança social adequados, cancelamento da dívida do Sul Global e, especialmente, reformas fiscais a nível nacional e internacional. Os governos do Norte Global necessitam de levar a sério os pedidos de fundos de reparação por atrocidades passadas e presentes e o governo do Reino Unido deve repor o compromisso de 0,7% do PIB para ajuda ao desenvolvimento.

#### 4.4.5 Para a Tearfund:

**15. Reformular o problema.** Tradicionalmente, o problema a ser tratado tem sido a pobreza do Sul Global, para a qual os cidadãos do Norte Global têm a solução. Pelo contrário, necessitamos de aceitar que uma grande parte do problema está na mentalidade de individualismo e ganância, para a qual podemos encontrar uma solução na antropologia relacional que se encontra representada em numerosas comunidades no Sul Global. Tal como os nossos parceiros africanos dizem, “O problema teológico a ser tratado não é a escassez relativamente à economia e ao ambiente, mas é a ganância. A ganância faz as pessoas pobres. A ganância destrói o ambiente”,<sup>53</sup> ou, como diz Paulo, “pois o amor ao dinheiro é a raiz de todo tipo de mal” (1 Timóteo 6:10).

**16. Alargar a partilha da riqueza.** Trabalhando juntamente com os nossos programas de mobilização comunitária, necessitamos de voltar a considerar iniciativas como transferências de dinheiro, em que a riqueza de uma parte do globo é partilhada incondicionalmente com os nossos parceiros noutro lado. Isto poderia ser uma expressão directa do que significa viver como comunidade global abundante, em que reconhecemos que a riqueza dos ricos pertence realmente àqueles que são pobres.

52 Foi recentemente noticiado que uma empresa britânica que vende pizzas, a Domino's, gastou 50 milhões de dólares em publicidade sobre um subsídio comunitário de 100.000 dólares que concedeu. <https://metro.co.uk/2022/02/10/dominos-spent-50m-on-ads-about-giving-100000-to-local-businesses-16087579/>

53 Anderson e McGeoch, p. 45, 2020

## 5. Conclusão

Este relatório tinha grandes ambições. Começou como uma série de consultas em África, na Ásia, na América Latina e no Norte Global, com vista a desenvolver um enquadramento teológico global para a sustentabilidade ambiental e económica.

O que descobrimos durante este processo é que não há uma solução simples para os desafios que todos enfrentamos. As questões são complexas, muitos de nós somos cúmplices no problema e, mesmo que identificássemos a solução certa, somos criaturas imperfeitas que quase de certeza errariam na implementação. Em vista disto, o presente relatório não pretende dar a solução teológica para a sustentabilidade ambiental e económica. Também não pretende abranger todas as questões teológicas (muito menos as ambientais e económicas) que são de interesse para nós quando consideramos estes desafios.

O que fizemos em vez disso foi chamar a atenção para uma ideia teológica central que nos foi apontada pelas nossas organizações parceiras no Sul Global, que tem profundas raízes bíblicas e teológicas e que vai ao cerne da crise ambiental e económica em que nos encontramos enquanto comunidade global. Não queremos dizer que o conceito de comunidades abundantes seja a única questão relevante; dizemos unicamente que é uma questão central e importante que vale a pena considerar mais a fundo.

Defendemos, em particular, que necessitamos de adoptar um entendimento diferente do que significa ser humano. O Ocidente tem sido tolhido por uma visão do mundo segundo a qual vivemos num ambiente escasso como indivíduos em competição. Esta abordagem está a matar-nos a nós e a

**“Esse mundo e todas as pessoas que o habitam são o nosso lar e a nossa casa compartilhada. Isto leva-nos a viver vidas de generosidade e partilha, não por estarmos a dar filantropicamente, mas simplesmente porque esta é a nossa família.”**

destruir o planeta; não oferece qualquer esperança para o futuro; nega o nosso próprio ser, porque a verdade é que fomos criados como seres relacionais cuja identidade se encontra em Deus e, portanto, na comunidade – uns com os outros e com o planeta. Não podemos definir quem somos em isolamento uns dos outros, ou em isolamento de Deus. Podemos apenas definir quem somos em termos do nosso culto de Deus, do nosso amor por nós próprios e pelos outros e do nosso cuidado relativamente ao planeta.

Com uma tal antropologia renovada, reconhecemos que este mundo e todas as pessoas que o habitam são o nosso lar e a nossa casa compartilhada. Isto leva-nos a viver vidas de generosidade e partilha, não por estarmos a dar filantropicamente, mas simplesmente porque esta é a nossa família. Esta abordagem, por si só, pode não resolver a crise climática ou a injustiça económica, mas se nós, como cristãos, vivermos isto numa profusão de comunidades abundantes locais e globais, poderemos apontar o caminho para aquele que essencialmente o pode fazer – o Salvador de todos.



📍 Hom Bahadur Dhal Magar, de 69 anos, na sua plantação de tomate numa aldeia perto de Nawalparasi, no Nepal.  
Fotografia: Chris Hoskins/Tearfund

# 6. Bibliografia

Para ver toda a bibliografia, consultar o relatório completo em [learn.tearfund.org/abundant-community](https://learn.tearfund.org/abundant-community)

Algumas das fontes citadas são documentos da Tearfund que não foram publicados. Para os obter, é favor enviar um e-mail para [publications@tearfund.org](mailto:publications@tearfund.org)

## 6.1 Documentos da Tearfund

### Consultas regionais:

ANDERSON, Valerie; McGEOCH, Graham. *Exploring theologies of environmental and economic sustainability in Africa*. Teddington: Tearfund, 2020.

EURIBE, Pilar. *Construction of a theological framework for environment, economy, and sustainability in Latin America and the Caribbean*. Teddington: Tearfund, 2020.

SAXENA, Samuel. *Environmental and economic sustainability (EES) theological research: Asia*. Teddington: Tearfund, 2020.

THEOS. *Global North regional environmental and economic sustainability (EES) theology paper*. Teddington: Tearfund, 2021.

### Outros documentos da Tearfund:

ANDERSON, Valerie; McGEOCH, Graham. *Environmental and economic sustainability: Notes on theology: Asia, Middle East, Europe & North America*. Teddington: Tearfund, 2020.

BUYS, Clark. *Prosperity gospel theology: Good News for the poor?* Teddington: Tearfund, 2020.

EVANS, Alex; GOWER, Richard. [The restorative economy](#). Teddington: Tearfund, 2015. ([Resumo traduzido para o português](#))

HUGHES, Dewi. *Tearfund and the church*. Teddington: Tearfund, 2011.

KENDAL, Julia. [Por que defender e promover direitos em relação ao lixo, aos resíduos e à economia circular?](#) Teddington: Tearfund, 2017.

LING, Anna; SWITHINBANK, Hannah. [Understanding poverty: restoring broken relationships](#). Teddington: Tearfund, 2019.

LIU, Liu; SIMPSON, Nick. [Building a sustainable future: environmental and economic sustainability: A practical guide](#). Teddington: Tearfund, 2019.

NJOROGE, Francis. [Church and community mobilisation process: Facilitator's manual](#). Teddington: Tearfund, 2019.

SWITHINBANK, Hannah. [Tearfund's theology of mission](#). Teddington: Tearfund, 2016.

TEARFUND. *Theology of the care of creation*. Teddington, 2012.

TEARFUND. [Breve introdução à missão](#). Teddington, 2016.

TEARFUND. [The World Rebooted](#), Teddington, 2020.

TEARFUND. *Overcoming poverty*. Teddington, 2005.

THACKER, Justin. *Abundant Community Theology: Working towards environmental and economic sustainability (EES)*, 2022.

WATSON, Joanna. [Kit de ferramentas de Advocacy](#). 2ª. ed. Teddington: Tearfund, 2015

## 6.2 Obras gerais citadas

AMBRÓSIO, SANTO. *A história de Nabote*.

AUGUSTINE, Daniela C. *The Spirit and the Common Good: Shared Flourishing in the Image of God*. Grand Rapids, MI, EUA: William B. Eerdmans Publishing Company, 2019.

AUGUSTINE, Daniela C. Theology of economics: Pentecost and the household of the Spirit. In: VONDEY, Wolfgang (ed.). *The Routledge Handbook of Pentecostal Theology*. London: Routledge, 2020.

BRUEGGEMANN, Walter. [The Liturgy of Abundance, The Myth of Scarcity](#). Christian Century (de 24 a 31 de março), 1999.

BURKHART, Brian Yazzie. What coyote and thales can teach us: An outline of American Indian epistemology. In: WATERS, Anne (ed.). *American Indian Thought*. Hoboken, NJ, EUA: Wiley-Blackwell, 2004.

CHRISTIAN, Jayakumar. *God of the Empty-Handed*. MARC. Monrovia, CA, EUA, 1999.

FRANCISCO. [Laudato si: Sobre o cuidado da casa comum](#). Carta Encíclica. Roma, 2015.

FRANCIS; IVEREIGH, Austen. *Let us Dream*. London: Simon & Schuster, 2020.

GILJAM, Miles et. al. [Abundant Africa: our decade to shape the African century](#). 2021.

KINGSOLVER, Barbara. *A Bíblia envenenada*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2000.

LOWERY, Richard. *Sabbath and Jubilee*. St Louis, EUA: Chalice Press, 2000.

MAATHAI, Wangari. '[Worldchanging Interview: Wangari Maathai](#)', *Environment and political news weblog*, 2009.

MANGALWADI, Ruth; MANGALWADI, Vishal. *The Legacy of William Carey: A Model for Transformation of a Culture*. Nova Delhi: Good Book, 1993.

MARCHANT, Jo. '[Poorest Costa Ricans live longest](#)'. *Nature*, 3 set. 2013.

MARTÍNEZ, Franzoni J.; SÁNCHEZ-ANCOCHEA, Diego. *The Quest for Universal Social Policy in the South: Actors, Ideas and Architectures*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

MISELIS, Jocabed. An mar Nega (Our Home). In: SWITHINBANK, Hannah; MURANGIRA, Emmanuel; COLLINS, Caitlin. *Jubilee: God's Answer to Poverty?* Oxford: Regnum, 2020.

MYERS, Ched. *The Biblical Vision of Sabbath Economics*. Tell the Word. Washington, DC, EUA: Church of the Saviour, 2001.

SMIRTH, Kirk R. Symposium. Mitigating, adapting, and suffering: how much of each? *Annual Review of Public Health*, v. 29, p. 11-25, 2008.

TANNER, Kathryn. '[Economy of Grace](#)'. *Word & World*, v. 30, n. 2, p. 174-18, 2010.

VALERIO, Ruth. *Saying Yes to Life*. Londres: SPCK, 2020.

WHITE, Lynn. '[The historical roots of our ecological crisis](#)'. *Science*, v. 155, p. 1203-1207, 1967

## 6.3 Websites:

<https://blog.arochoa.org>

[www.ethicalconsumer.org](http://www.ethicalconsumer.org)

[www.happyplanetindex.org](http://www.happyplanetindex.org)

**“O ladrão vem apenas para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente.”**

**João 10:10**

**[learn.tearfund.org](https://learn.tearfund.org)**

Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido

☎ +44 (0)20 3906 3906 ✉ [publications@tearfund.org](mailto:publications@tearfund.org)

Sede registada: Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE. Registada na Inglaterra sob o n.º: 994339. Uma companhia limitada por garantia. Instituição beneficente n.º 265464 na Inglaterra e no País de Gales e n.º SC037624 na Escócia. J729-AF-P (1222)

**tearfund**